

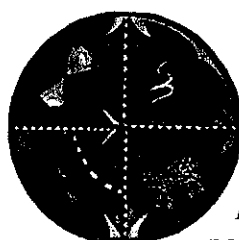
TV Escola

Nº 14 / março - abril

1999

MEC

# Parâmetros, agora dos índios



Está chegando às mãos dos professores o *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*, uma nova proposta para a construção de uma escola baseada nos princípios de equidade e pluralidade cultural, que atenda aos interesses e anseios dos povos indígenas.

Os índios participaram da elaboração do Referencial, que integra o conjunto dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, os PCN. Dos 300 professores convidados pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC (SEF) para realizar esse trabalho, 160 são índios. Alguns levaram a primeira versão do material para ser discutida em suas comunidades – como a de Macuxi, em Roraima, e a de Kaingang, no Rio Grande do Sul.

“As idéias dos índios de vários lugares do Brasil estão no Referencial”, comemora Arivaldo Conceição dos Santos, da Escola Pataxó Bacumuxá, da aldeia Mantyua, no município de Carmésia (MG).

## EXPERIÊNCIAS

“Muitas experiências educacionais desenvolvidas por universidades, secretarias de educação e ONGs (organizações não-governamentais) serviram também de subsídio para o Referencial”, conta Ivete Campos, coordenadora geral de apoio às escolas indígenas da SEF.

Pela primeira vez, estão sendo apresentadas aos professores idéias básicas e sugestões de trabalho para o conjunto das áreas de conheci-

**É O REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS, ELABORADO POR UMA EQUIPE DE 300 PROFESSORES – MAIS DA METADE, ÍNDIOS.**

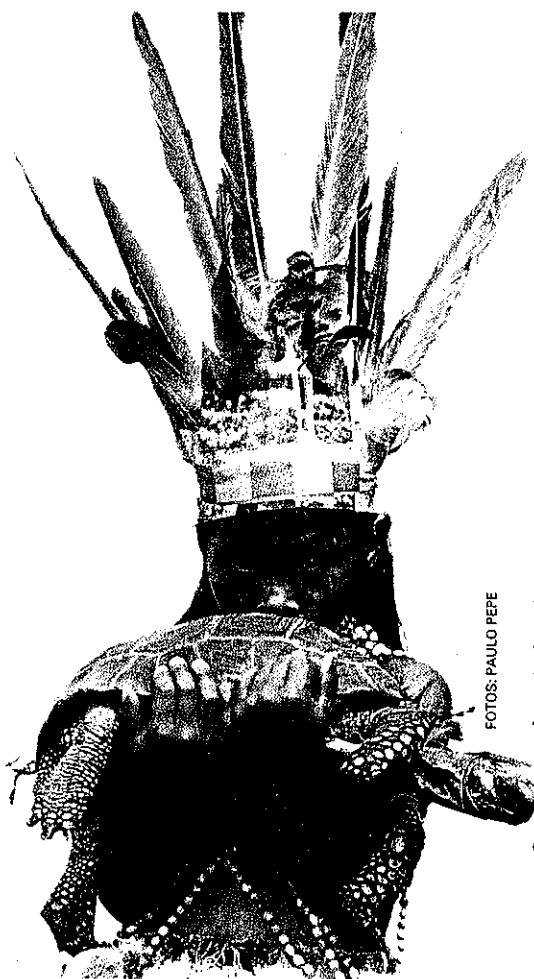
mento das cerca de 1.700 escolas indígenas de ensino fundamental existentes no País, onde trabalham 2.859 professores. Os dirigentes e técnicos dos sistemas estaduais e municipais de ensino encontram também no Referencial orientações para suas políticas de educação indígena.

O Referencial está dividido em duas partes. A primeira, intitulada *Para começo de conversa*, reúne os fundamentos políticos, históricos, legais, antropológicos e pedagógicos da proposta.

## TEMAS TRANSVERSAIS

A segunda parte do referencial, *Ajudando a construir os currículos das escolas indígenas*, apresenta as disciplinas – *Língua Portuguesa e Indígena, Matemática, História, Geografia, Ciências, Arte e Educação Física* –, com sugestões de atividades, estratégias de avaliação e indicações para a formação do professor. Entremeadado por desenhos, fotos e depoimentos de professores índios, o Referencial apresenta também nessa segunda parte seis temas transversais: *Terra e conservação da biodiversidade, Auto-sustentação, Direitos, lutas e movimentos, Ética, Pluralidade Cultural, Saúde e Educação*.

Acompanha o Referencial, distribuído a todos os professores das escolas indígenas de 1ª a 8ª séries, uma coleção de 11 livros feitos por



FOTOS: PAULO PEPE

Índio Ticuna na Festa da Moça Nova. Na página ao lado, Ngewane, a árvore encantada dos peixes, de *O Livro das Árvores*.

O LIVRO DAS ÁRVORES



índios de várias regiões do Brasil, sobre *Matemática, Línguas, Geografia, Ciências, História e Arte.*

Faz parte da coleção *O livro das árvores*, com matamatá, anauirá, anani, marupá, envireira, ucuuba, acapu e muitas outras árvores da Floresta Amazônica importantes para a vida dos índios, desenhadas por professores ticuna, da região do Alto Solimões.

“Não é um livro de Botânica, mas de memória das árvores”, explica Jussara Gomes Gruber, professora do Curso de Formação dos Professores Ticuna (Habilitação

para o Magistério), promovido pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, com o apoio do MEC.

Jussara diz que, folheando o livro página por página, compreende-se as razões que levam os Ticuna à defesa e preservação de suas florestas, um patrimônio que deve passar de pai para filho, como uma herança.

Além dos desenhos, o livro tem textos produzidos coletivamente. Um deles, *A samaumeira que escurecia o mundo*, conta a lenda ticuna da criação do mundo. Para os Ticuna, do tronco da samaumeira caída formou-se o Rio Solimões. De seus galhos surgiram outros rios e igarapés.

Dedicado às crianças e adolescentes ticuna, *O livro das árvores* ganhou em 1997 o Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil, como melhor livro e melhor projeto editorial. “Com o livro pode-se conhecer os Ticuna e aprender sobre a Floresta Amazônica por meio da palavra de seus habitantes mais antigos”, diz Jussara.

## Idéias escondem preconceitos

O *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* aponta algumas idéias errôneas que escondem preconceitos sobre os índios. Algumas delas:

### SÃO TODOS IGUAIS

Dizer é desconhecer a grande diversidade sociocultural e lingüística existente entre as populações indígenas. Cerca de 330 mil índios, distribuídos em 220 grupos espalhados pelo território nacional, falam 170 línguas.

### SÃO DO PASSADO

Nega-se assim a presença indígena como parte da população brasileira atual e futura. Associa-se os índios à infância da humanidade.

### NÃO TÊM HISTÓRIA

Baseia-se na falsa certeza de que os povos indígenas pararam no tempo, não evoluíram, como se vivessem na Pré-História.

### SÃO SERES PRIMITIVOS

Se eles são primitivos, precisam ser civilizados. Com essa idéia nega-se o direito à autonomia e autodeterminação dos povos indígenas. Não se reconhece sua ciência, arte e religião, desqualificando-se sua história, cultura e teorias sociais.

### SÃO ACULTURADOS

Imaginar que os índios atuais deixaram de ser índios autênticos porque alteraram aspectos de seu comportamento, devido ao contato com o mundo dos brancos, é uma forma de negar seus direitos, como a posse de seus territórios e sua preservação cultural.

# TV Escola produz série sobre questões indígenas

A Secretaria de Educação a Distância do MEC (Seed) espera levar ao ar pela TV Escola, até o final do ano, uma série de dez programas sobre questões indígenas. As gravações devem começar no primeiro semestre.

“Essa série é importante, entre outros motivos, porque vai ajudar a desmistificar o olhar que o branco tem do índio e discutir questões em geral meio esquecidas”, diz José Roberto Sadek, diretor do Departamento de Produção e Divulgação de Programas Educativos da Seed.

Ao contrário de muitos documentários e reportagens de TV, a série da TV Escola terá um enfoque mais contemporâneo. Vai mostrar e discutir, por exemplo, as demandas específicas das sociedades indígenas na atualidade, como o direito à cidadania e ao território. Como o índio se insere no mercado de trabalho? Alguns são bóias-frias.

### QUEM SOMOS NÓS

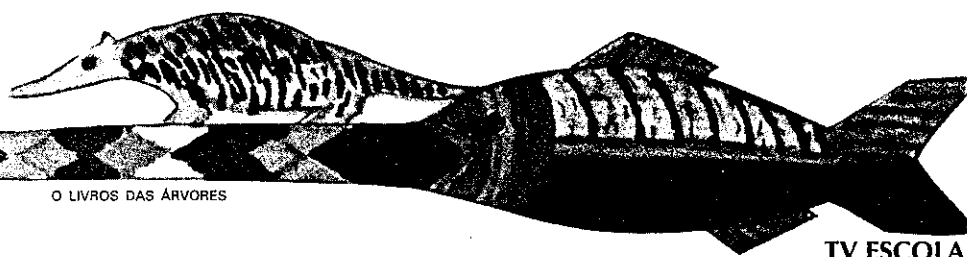
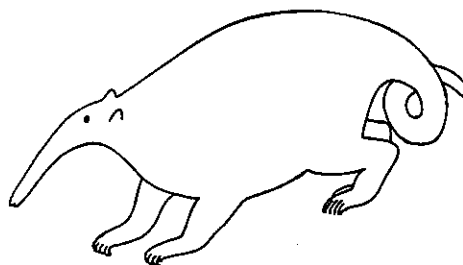
A série quer dar voz aos índios e não simplesmente falar sobre eles. São os próprios índios que vão apresentar suas aldeias, falar de sua cultura e sua experiência de contato com os brancos. Os dois primeiros programas já definem o caráter do trabalho: *Quem são eles* e *Quem somos nós* (os índios). Outro detalhe importante: índios farão parte da equipe técnica. “Para que sejam também produtores de opinião”, explica Sadek.

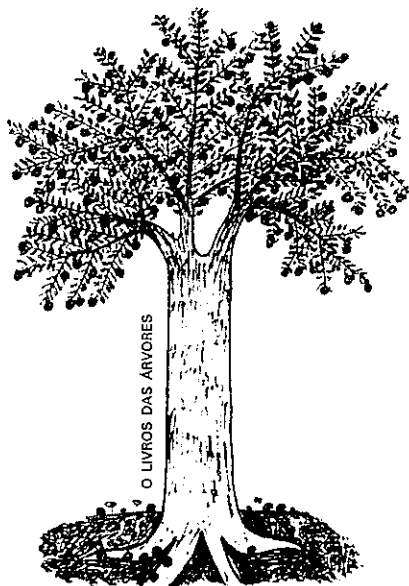
O antropólogo e indigenista Vincent Carelli deverá dar a orientação do projeto, coordenado pela SEF e pela Seed.

“Queremos trazer informações novas sobre os índios que vivem hoje espalhados pelo território nacional, com sua enorme diversidade cultural e lingüística e vivências muito variadas”, diz Carelli.

### ÍNDIO VIDEASTA

Carelli coordena há dez anos o projeto Vídeo nas Aldeias, do Centro de Trabalho Indigenista. “Um monitor de vídeo numa aldeia é





Valdenir na videoteca de Umariáçu: "precisamos nos atualizar".



FOTOS: PAULO PEPE

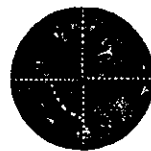
uma revolução tecnológica. E representa um curto-circuito direto, da cultura oral para os meios audiovisuais, sem passar pela escrita", diz o antropólogo.

O projeto investe na formação de documentaristas indígenas e articula uma rede de distribuição de vídeos entre aldeias. Quando têm a câmera nas mãos, os índios gostam de documentar reuniões da comunidade e também suas manifestações culturais, com a idéia de transmiti-las a outros povos indígenas e às gerações futuras de seu povo.

Para Carelli, um desafio que se coloca hoje para o projeto Vídeo nas Aldeias é pesquisar e indicar formas de apropriação do vídeo nas escolas equipadas com o kit de equipamentos da TV Escola distribuído pelo MEC.

Ele chama a atenção para uma característica do vídeo que pode ser explorada na escola, indígena ou não: diferente dos livros, que são lidos individualmente, um vídeo causa um impacto muito maior porque é visto coletivamente e pode propiciar uma discussão pública.

## NAVEEGÜI



Quando a TV Escola chegou à aldeia de Umariáçu, a 10 quilômetros do centro de Tabatinga, Amazonas, os pais ficaram curiosos. O cacique ticuna Gustavo Ferreira Peres foi à Escola Estadual Almirante Tamandaré (782 alunos de 1ª à 8ª série) atrás de informações. Voltou confiante: "Vai ser bom para nossa aldeia."

Na verdade poderia ser muito melhor. A alta umidade da floresta Amazônica afeta as fitas de vídeo e há cortes de eletricidade frequentes. Mesmo assim os professores não desanimam: "Estamos distantes de tudo e por isso precisamos muito atualizar nossos conhecimentos", diz o professor Valdenir Santana.

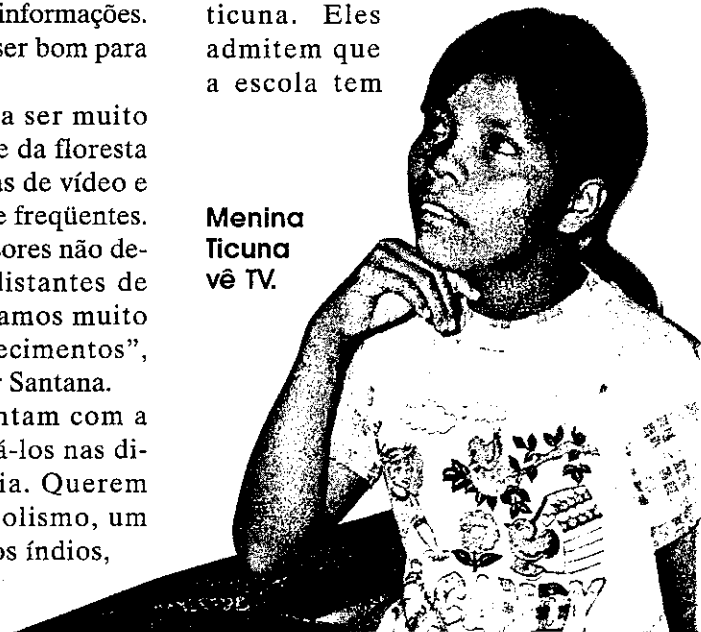
Os professores contam com a TV Escola para auxiliá-los nas dificuldades do dia-a-dia. Querem programas sobre alcoolismo, um problema sério entre os índios, e drogas, já que Tabatinga está na rota

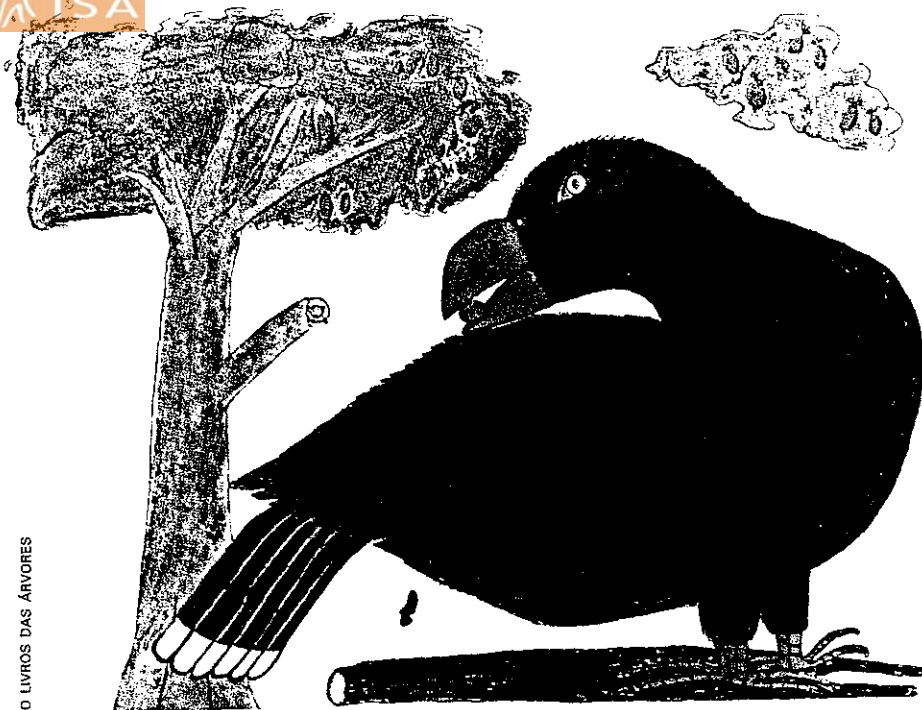
do tráfico de cocaína entre Brasil, Peru e Colômbia.

"Também precisamos de programas sobre educação indígena", reivindica Valdenir.

A maior parte dos professores não mora na aldeia de Umariáçu e não fala a língua ticuna. Eles admitem que a escola tem

Menina Ticuna vê TV.





O LIVRO DAS ÁRVORES

uma estrutura branca, difícil para o índio compreender e se adaptar. “Se os Ticuna fazem caldo de peixe é para todo mundo tomar. Eles não entendem que a merenda escolar seja só dos alunos. Tocar sino quando a aula acaba é outra

coisa que não faz sentido para eles”, diz Carlos Alberto Pereira.

Os professores sabem que a escola é muito importante para os Ticuna e por isso querem adaptar o currículo à realidade da aldeia. Uma das professoras, Orlanda Sal-

vador Sandoval, que faz o Curso de Formação dos Professores Ticuna Bilíngües, está utilizando a cartilha ticuna para alfabetizar. Preocupada em passar para a geração mais nova a cultura de seu povo, a professora de Arte Odete Alexandre Ferreira ensina artesanato indígena. Os alunos fazem silêncio quando ela conta a lenda ticuna da criação do mundo.

A maior parte dos alunos da Almirante Tamandaré nunca saiu de sua região e quer ver imagens de outros lugares do Brasil na televisão – “navegüi”, em ticuna. Sentiram-se, claro, muito orgulhosos de descobrir o professor Denísio Firmino dando aula no vídeo comemorativo dos dois anos da TV Escola. Esse vídeo mostra também a comunidade reunida na Festa da Moça Nova, a mais importante para os Ticuna, que comemora a passagem da infância para a vida adulta. ➤

Reportagem: Rosângela Guerra

## Ir à escola pra quê?

“Era assim que meus pais pensavam: ir à escola pra quê? Eu via os meninos brancos indo para a escola e ficava com vontade de estudar. Pegava o livro deles e copiava os desenhos e as letras, tentando decifrar o que estava escrito.

“Aos 9 anos fui à escola pela primeira vez. Nunca vou me esquecer desse dia. Era tanta vergonha que eu quase não conseguia responder ‘presente’. Além de ser índio, eu era maior que os outros. Os filhos dos fazendeiros ficavam com raiva dos índios. Acham que a terra dos Krenak é deles. Jurei que eu ia aprender primeiro que todo o mundo e aprendi. Como eu sei desenhar, fazia a capa dos trabalhos dos colegas. Foi assim que consegui me aproximar da turma.



MARCOS GUÍÃO

Krenak com o Referencial: “quero fazer faculdade”.

“Até hoje o livro que mais gosto é o que me ensinou a ler e a escrever. Nunca tomei uma bomba e quero fazer faculdade. Fui escolhido pela comunidade para ser professor da Escola Estadual da Reserva Indígena Krenak, em Rensplendor (MG). Isso deixa a gente com muita responsabilidade.

“Meus irmãos menores estão estudando e minha mãe, Dejanira, dá aula para meus alunos duas vezes por semana. Ela ensina música e conta histórias do nosso povo. Tudo na língua Krenak.”

*Tchek Krenak (Itamar Souza Ferreira Krenak), 19 anos, é aluno do 1º ano do ensino médio e do Curso de Formação de Professores Indígenas da Secretaria de Educação de Minas Gerais.*